

Ditadura Ilustrada: Abordagem das Charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo*¹

Isabella Cristina Nascimento CORRÊA²

Paulo PANIAGO³

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

A pesquisa procurou verificar como os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* abordaram as charges durante a ditadura militar. A partir do princípio de que o humor gráfico desempenhou papel de resistência no período, buscou-se entender se os veículos utilizaram charges como instrumento de crítica política e, se sim, de que maneira. Para a proposta, foram analisadas ilustrações produzidas por cada jornal ao longo dos anos 1964, 1975 e 1985, para verificar início, meio e fim dos governos militares. A observação e a análise do material coletado foram baseadas na investigação do contexto histórico por meio das notícias dos periódicos, na fundamentação teórica sobre charges para entender como são compreendidas e no estudo delas como fonte de opinião.

Palavras-chave: charge; ditadura militar; *O Globo*; *Folha de S.Paulo*; jornal impresso.

Introdução

Durante a ditadura militar no Brasil – de 1964 a 1985 –, não apenas a tortura física vitimou muitas pessoas no país. Pode-se chamar, também, de tortura intelectual a sofrida por muitos profissionais. A produção de cultura, embora carregada de censura, colaborou para recontar a história do período por outros ângulos, além de representar uma forma de resistência ao regime.

A pesquisa parte do princípio de que a ilustração exerce influência na vida social, assim como a cultura e a imprensa. Portanto, entende-se que as charges podem servir para dar leitura diversificada a temas variados da sociedade. O questionamento que motivou a investigação, então, é de que modo foi feita a abordagem das charges pelos jornais

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-formada em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade de Brasília (UnB), email: isabellancorrea@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), email: paulopaniago@gmail.com

tradicionais de grande circulação e se ela se comprometeu com o papel social atribuído à ilustração de humor.

Com a análise, pode-se avaliar, a partir disso, se a produção de charges diminuiu, se aumentou, se criticou ou apoiou o governo, se apresentou os mesmos posicionamentos dos editoriais, se falou diretamente da ditadura ou se abordou outros assuntos.

Como os fatos compreendidos acontecem em um intervalo de tempo extenso, o trabalho abordou três datas pontuais – 1964, 1975 e 1985 – que permitem expor um quadro amplo da ditadura. Desse modo, também é possível verificar se houve mudanças ao longo do tempo.

Para chegar ao objetivo final, foram necessários alguns objetivos específicos que, juntos, possibilitaram viabilizar a finalidade da pesquisa: 1) Descrever o contexto histórico do regime militar por meio da imprensa; 2) Identificar conceitos necessários para o entendimento da charge, verificar qual é o papel da ilustração como fonte de opinião e de informação e como as ilustrações eram abordadas nos jornais da época e; 3) descrever como *O Globo* e a *Folha de S. Paulo* abordaram as charges nos anos de 1964, 1974 e 1985.

Escolha e observação dos jornais

Além da abrangência nacional, escolha dos jornais *Folha de S. Paulo* (SP) e *O Globo* (RJ) também é proposta, neste trabalho, pelo contraponto de abordagem dos dois periódicos em relação ao regime. A ideia foi colher jornais que possibilitavam maneiras distintas de exploração dos fatos. *O Globo*, do início ao fim do período ditatorial, apoiou os governos militares. No dia 7 de outubro de 1984, o dono do jornal, Roberto Marinho, admitiu o apoio em artigo publicado na primeira página:

Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. Quando a nossa redação foi invadida por tropas anti-revolucionárias, mantivemo-nos firmes em nossa posição. Prosseguimos apoiando o movimento vitorioso desde os primeiros momentos de correção de rumos até o atual processo de abertura que deverá consolidar-se com a posse do futuro presidente (MARINHO, *O Globo*, 7 de outubro de 1984)

A *Folha de S. Paulo*, no entanto, mesmo que tenha apoiado o golpe de 1964, atuou de maneira mais branda em relação ao jornal *O Globo*. Ainda durante a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros, a *Folha* defendeu que o país fosse governado pelo sucessor João Goulart, ainda que fizesse duras críticas à gestão dele. *O Globo*, nessa ocasião, não aceitou nem mesmo que Jango atuasse em regime parlamentarista (PILAGALLO, 2014)⁴.

No fim dos anos 1960 e meados dos anos 1970, a censura dentro das redações limitou o trabalho dos jornalistas. Os trabalhos de opinião foram restringidos, mas ainda é importante observar como os jornais conseguiram trabalhar em cima da repressão intelectual.

Memória e estudo das charges no jornalismo

Meio século após o golpe militar de 1964, ainda é possível criar interpretações e novos olhares sobre os acontecimentos daquele evento e da ditadura que se instalou nos anos seguintes no Brasil. Refletir sobre o passado é uma maneira de pensar o mundo em que se vive no presente. Observar as relações existentes entre os tempos de ontem e hoje pode sugerir novas interpretações. Como afirma Marina de Andrade Marconi⁵ e Eva Maria Lakatos⁶, no livro *Fundamentos da metodologia científica* (2006), a pesquisa histórica permite entender melhor a natureza e a função das formas atuais de vida social, visto que tais formas têm origem no passado. Ainda fatos que aconteceram anos atrás possibilitam modificar perspectivas sobre o mundo.

Apesar de existirem muitos estudos e pesquisas sobre a ditadura militar no Brasil, ainda há – e sempre haverá – razões para repensá-la. Exemplo disso foi o discurso do coronel Paulo Malhões concedido em março de 2014 à Comissão Nacional da Verdade. Depois de 50 anos do golpe, o militar, que atuou em um centro clandestino de tortura no Rio de Janeiro durante a ditadura, assumiu ter matado, torturado e ocultado corpos de presos políticos na época⁷. Percebe-se que períodos obscuros desse tipo podem sempre resgatar colaborações, desdobramentos e discussões.

⁴ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/157543-imprensa-apoiou-ditadura-antes-de-ajudar-a-derrubala.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2014

⁵ Doutora em antropologia pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

⁶ Mestre e doutora em Ciências e doutora em Filosofia (Metodologia Científica). Foi professora de Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo

⁷ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1430795-coronel-admite-que-torturou-matou-e-ocultou-corpos-na-ditadura-militar.shtml>. Acesso em 26 mar. 2014

Sob a ótica da notícia, o jornalismo colabora para o resgate dos acontecimentos por meio de acervos dos assuntos diários de períodos determinados. No entanto, pelo modo de produção do jornalismo, o jeito de contar os fatos sofre alterações. O jornalista Luiz Costa Pereira Junior⁸, no livro *A apuração da notícia* (2010), afirma que muitas vezes é preciso diminuir ou evidenciar trechos das notícias para facilitar o entendimento. Por esse motivo, revisitar os acontecimentos da ditadura militar contados pelos jornais possibilita executar um exercício histórico valioso de reinterpretação dos fatos e de ampliação do debate.

O discurso jornalístico, no entanto, não se limita ao texto e, por isso, é importante analisar outras maneiras de informação encontradas na área. Onici Claro Flôres⁹, no livro *A leitura da charge* (2002), afirma que “as imagens propriamente ditas permitem uma apreensão mais rápida porque são percebidas como totalidades. Já a linguagem verbal é discreta e decomponível” (2002: 24). Assim, preferiu-se trabalhar com ilustrações em função da liberdade criativa que elas permitem em relação aos fatos. Vale ressaltar a preferência do desenho: as ilustrações conseguem passar algo além do registro fotográfico. Antonio Luiz Cagnin¹⁰, na obra *Os quadrinhos* (1975), expõe que o primeiro estatuto da fotografia é o de ser documento e registro, enquanto o desenho trabalha com mensagens codificadas.

As charges são “comentários sociais, que, velados pela ironia ou explicitamente opinativos pela sátira e pelo sarcasmo, mostram com simples figuras o que não poderia ser dito com menos de mil palavras” (FONSECA, 1999: 13). Assim, voltar há 50 anos e percorrer os 21 de regime militar por meio dos desenhos de humor permite resgatar a abordagem diferenciada do período.

Humor gráfico n’*O Globo*

A primeira charge d’*O Globo* foi publicada no dia 29 de julho de 1925, pelo cartunista Raul Pederneiras, na edição de estreia do jornal. O desenho criticava o desequilíbrio que existia nas contas públicas do governo da época. Com a publicação, “o

⁸ Jornalista, doutor em filosofia e educação pela Universidade de São Paulo (USP)

⁹ Doutora em Linguística pela PUCRS e professora de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS – Canoas)

¹⁰ Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), foi pioneiro nos estudos de quadrinhos no Brasil

jornal firmava um princípio que jamais abandonou ao longo dos anos no país e no mundo: o de reconhecer a importância de cartuns, charges e caricaturas na informação que o leitor busca em suas páginas”¹¹.

Marcelo Monteiro foi responsável pelos trabalhos na seção de esporte. Desenhos criados para os personagens de Nelson Rodrigues – na coluna “A sombra das chuteiras imortais” – ficaram marcados na história do jornal.

Na década de 1980, *O Globo* aumentou intensamente a produção de desenhos de humor. Henfil – pseudônimo de Henrique de Souza Filho – passou a compor a equipe de cartunistas em 1983.

Chico Caruso iniciou, em 1984, uma série de trabalhos que diferenciaria a cobertura política até então. Publicadas sempre nas primeiras páginas, as charges brincavam com personalidades, principalmente políticas – mas também da cena cultural, esportiva e de generalidades –, com referências artísticas. Recriou quadros famosos da pintura clássica em cima de caricaturas e fez personagens sérios da política brasileira virarem alvo da risada do público. Em 1985, o ilustrador Miguel Paiva representou os desdobramentos políticos das eleições presidenciais. Tancredo Neves e Paulo Maluf – candidatos – ficaram marcados pelo humor depositado nos desenhos do cartunista.

O humor gráfico na *Folha de S.Paulo*

Destaque dos primórdios da história da *Folha de S.Paulo* foi o cartunista Belmonte – pseudônimo para Benedito Bastos Barreto. A participação no jornal começou em 1921, quando o periódico ainda era *Folha da Noite*. O personagem Juca Pato foi o mais memorável da carreira do artista. Joaquim da Fonseca (1999), no livro *Caricatura: A imagem gráfica do humor*, afirma que “Juca representava o cidadão comum, trabalhador, honesto, pagador de impostos, perplexo, irritado e às vezes apoplético contra os desmandos do custo de vida, da burocracia, da corrupção política e da exploração do povo” (1999: 238).

Nelson Coletti e Orlando Mattos foram responsáveis pelas charges publicadas ao longo da década de 1960 na página 4 – destinada aos textos de opinião – da *Folha de S. Paulo*.

¹¹ Disponível em: <memoria.oglobo.globo.com/humor/raul-pederneiras-9042331>. Acesso em: 20 mai. 2014.

De acordo com pesquisa de acervo realizada para este trabalho, durante o período de 1971 a 1974, a *Folha* não publicou editoriais ou charges. Em 1975, com as mudanças motivadas pela chegada do jornalista Cláudio Abramo, a seção de opinião foi renovada – passou a ser publicada na página 2 e a contar com novos artigos e colunas – e a redação da *Folha* recebeu o cartunista Angeli. Produziu charges e tiras cômicas no periódico – e ainda faz parte da equipe. Criou diversos personagens satíricos, entre eles, o AI-5, que, nas palavras do cartunista, “era um cara que não deixava ninguém falar” (GONÇALVES, 2008: 205).¹² A partir de então, as ilustrações deixaram de ser diárias e passaram a ser publicadas esporadicamente.

O diário cobriu intensamente as Diretas-Já em uma espécie de campanha, como demonstrou também na cobertura textual. Após as mudanças editoriais na década de 1975, o diário passou a contar com profissionais de oposição ao regime e isso ficou claro nas páginas do jornal. Foi o primeiro deles a defender as diretas rumo à democracia no país.

Os ilustradores Fortuna e Fausto foram outros dois colaboradores importantes nesse período em que se discutia a abertura política. Ambos produziram trabalhos que evidenciaram a proposta da *Folha* em apoiar a redemocratização do país.

As charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo* em 1964

A partir da pesquisa de acervo realizada para este estudo, observou-se que *O Globo* não utilizou charges nacionais até 1985. Além de sempre publicarem as versões internacionais, não havia regularidade nas publicações. O fato é curioso, visto que o jornal assumiu compromisso com a divulgação desse tipo de material gráfico desde a primeira charge publicada no periódico (ver página 4).

Em uma matéria sobre as publicações de humor do jornal¹³, *O Globo* afirmou que a política sempre foi tema das charges da primeira página e que “independentemente do período e dos governos, os deslizes das autoridades não escapavam ao crivo dos desenhistas”. Tal fato, no período da ditadura militar – até o início de 1980 pelo menos –

¹² Citação retirada de entrevista concedida ao jornalista Marcos Augusto Gonçalves, publicada no livro *Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada* (2008)

¹³ Disponível em: <acervo.oglobo.globo.com/charges-e-humor/politica-corrupcao-ja-inspiravam-charges-no-inicio-do-seculo-passado-9077487#ixzz35KrdzTKu>. Acesso em: 15 mai. 2014

não poderia ser confirmado, visto que o jornal não publicou charges nacionais¹⁴. Até o período Jânio Quadros, algumas charges – como as do cartunista Théo – eram publicadas.

No período analisado, entre 1964 e 1985, é notável a evolução d'*O Globo* no que diz respeito ao uso do humor por recursos gráficos. Nos anos anteriores a 1964, o jornal utilizou mais charges políticas nacionais do que ao longo da primeira década de governo militar. Durante a ditadura, até a década de 1980, o periódico apostou em reproduzir charges de jornais estrangeiros.



O caricaturista do "Daily Express" vê o Primeiro-Ministro Harold Wilson em apuros no preparo de explosivas reformas, enquanto seu ministro de Economia indaga se não seria bom pedir a ajuda do antigo cozinheiro conservador de Downing Street...

Fonte: acervo *O Globo* – 19 de dezembro

No dia 19 de dezembro, *O Globo* publica charge de Cummings criticando medidas econômicas da Inglaterra na gestão do primeiro-ministro Harold Wilson, eleito em 1964. No desenho, ele tenta administrar e evitar desastres gastronômicos em uma cozinha. Ao lado, aparece o ministro de assuntos econômicos com ar de dúvidas sobre o que Wilson faz.

A ilustração apresenta vários elementos metafóricos que fazem alusão aos assuntos recentes da época que acaloravam os debates políticos em Londres. Em primeiro lugar, todas as refeições preparadas pelo primeiro-ministro parecem estar saltando das panelas, explodindo ou borbulhando intensamente. O fato de o ministro de economia não ajudar em nada, aparentemente, revela que os resultados ruins na cozinha – e na economia – são atribuídos a Wilson. O primeiro-ministro usa um grande chapéu de chefe de cozinha e esse

¹⁴ A autora observa que o acervo consultado apresentava páginas indisponíveis e que, por isso, pode-se não ter um resultado perfeitamente conclusivo.

elemento intertextual possibilita ao leitor entender o poder de comando e de gerência dele. Detalhe que faz diferença no teor cômico da charge é o tamanho do fogo das bocas do fogão: Wilson não consegue sequer saber qual é o nível necessário de temperatura para cozinhar o alimento, fato que indica o total descontrole do político diante de sua função – segundo o cartunista. A desordem também é acentuada pela fumaça preta que sai do forno e sobe para o teto.

A *Folha de S. Paulo*, em 1964, publicava charges diárias no caderno 4 acompanhadas do editorial. No período geral analisado, verificou-se que as imagens gráficas sempre abordavam assuntos relacionados ao governo e que continham repercussão política. No início do ano, o grande debate era a má gestão do então presidente João Goulart. A maioria das charges mostrava um Jango debilitado por não dar conta de cuidar do país: em várias delas, aparecia com curativos, suado, correndo, fugindo de algo ou alguém, caindo ou diminuído.

Com Castelo Branco no poder, as charges mudaram de tom: de críticas ao governo, passaram a elogiosas demonstrações de apoio à posse. O clima geral era de esperança de haver modificações nos cenários político e econômico. O presidente apresentava-se, geralmente, com semblante mais sério e sereno, bem diferente da forma que Jango era caricaturado.



Fonte: acervo Folha de S.Paulo – 25 de dezembro de 1964

A charge do dia 25 de dezembro brincou com a data comemorativa do Natal para falar dos problemas que o Brasil deixava em 1964 e das expectativas para o futuro. O chargista Orlando Mattos mostra um Castelo Branco simpático, sereno e calmo, vestido de Papai Noel e presenteando uma “vida mais barata” aos brasileiros. A ideia é fazer uma crítica à economia administrada até então.

Pela simpatia que a caricatura do presidente demonstra, imagina-se que a ilustração também dá a entender que a esperança ainda estava com a “revolução” de abril e que o povo deveria confiar na missão dada ao presidente de melhorar o país.

O contexto extraicônico, apontado por Cagnin (1975), é notado como característica primordial. As referências sociais e econômicas – sejam observadas, por exemplo, nos aumentos dos preços dos alimentos ou pelas notícias de inflação no noticiário – são importantes para o entendimento completo da peça. Essas questões são absorvidas pelo leitor previamente a partir de outras referências intelectuais.

As charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo* em 1975

Em relação ao jornal *O Globo*, de acordo com a pesquisa de acervo disponível¹⁵, foi constatado que o ano de 1975 também não foi significativo na produção de charges políticas. Algumas hipóteses podem ser consideradas: a década de 1970 foi dura no que diz respeito à censura. Com o Ato Institucional nº 5 em vigor, publicar conteúdo de opinião era mais difícil – principalmente contra o governo. Por mais que o jornal publicasse apenas charges políticas sobre assuntos internacionais nos anos 1960, não havia forte tendência de charges políticas n’*O Globo*. As razões podem ter sido técnicas e operacionais¹⁶ – ou seja, por falta de condição de publicar as charges –, e ainda, motivadas por mera opção editorial do periódico.

De acordo com o editor de opinião d’*O Globo*, Aluizio Maranhão, o jornal apoiou o regime militar e, segundo ele, isso poderia ter motivado a preferência por não publicar charges.

As publicações opinativas na *Folha de S.Paulo* diminuíram desde 1970, quando o periódico preferiu não produzir textos de opinião para não contrariar o governo.

¹⁵ Durante a apuração dos dados, foram consultadas publicações dos anos de 1964 a 1985, mas algumas páginas das edições estavam indisponíveis. Esse problema pode alterar, em alguma maneira, os resultados coletados.

¹⁶ Para a pesquisa, foi feito contato com *O Globo* para descobrir por que não foram publicadas charges em 1975, mas não houve retorno.



Fonte: acervo *Folha de S. Paulo* – 30 de dezembro de 1975

No dia 30 de dezembro de 1975, o cartunista Angeli desenhou dois cidadãos comentando a possível revogação do Ato Institucional nº 5. Na charge, um informa o outro sobre a possibilidade não se ouvir mais falar no ato. A ironia está na resposta do segundo homem: “Por que? Vai mudar de nome”? A ilustração está profundamente ligada aos debates políticos da época. Geisel prometia abertura política e uma das medidas que daria esperança ao povo sobre ela acontecer seria o fim do AI-5.

No entanto, nesse mesmo dia, uma nota de canto da página da editoria de assuntos nacionais anunciava que embora reconhecesse “ser reivindicação de importantes setores sociais, o governo não considera, em hipótese alguma, a reforma ou a revogação do AI-5 num prazo previsível”¹⁷. Ainda segundo o jornal, as razões do governo para isso eram a falta de argumentos para revoga-lo, a falta de propostas para substituí-lo e o receio de que articulações subversivas e facções extremistas atacassem o Estado. O AI-5 era visto como medida preventiva de qualquer ameaça destrutiva de grupos de oposição ao governo.

Assim, a charge brinca, de forma bem-humorada, com o que seria o “mito” do fim do ato institucional: se não se ouve falar mais em AI-5 só poderia ser porque mudou de nome. A *Folha*, dessa maneira, mostrava que não existia confiança ou esperança de realmente haver revogação.

O valor cômico do desenho é revelado a partir do texto e não pela imagem. Sem o apoio textual, provavelmente seria necessário algum elemento metafórico para passar a ideia do autor. A intertextualidade presente na charge vem de informações complementares dos debates políticos sobre o possível fim do AI-5 e sobre as intenções de abertura política do governo Geisel – noticiados pela mídia. No processo de leitura da ilustração, o público cria suas impressões por meio do conteúdo consumido por ele anteriormente.

¹⁷ Nota publicada no dia 30 de dezembro de 1975 no jornal *Folha de S. Paulo*

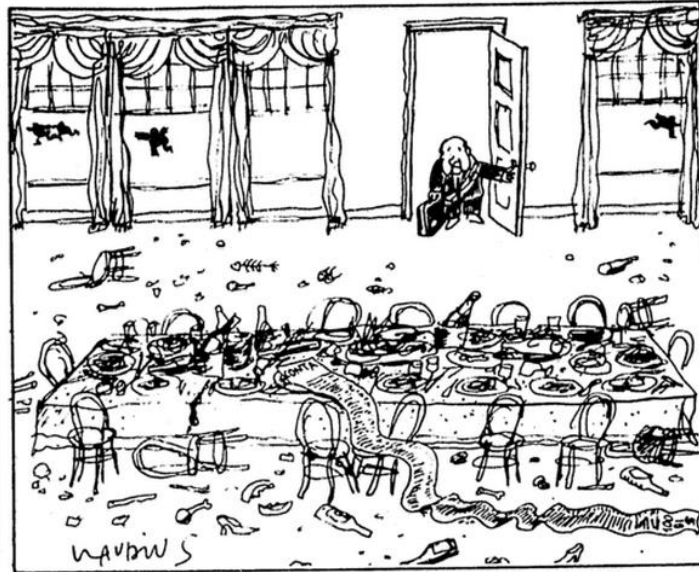
As charges d’O Globo e da Folha de S.Paulo em 1985



Fonte: acervo *O Globo* – 21 de janeiro de 1985

Após seis dias da votação que elegeu Tancredo Neves como presidente, realizava-se o último dia do festival Rock in Rio no estado carioca. Chico Caruso desenha o político segurando uma maleta no formato do Brasil e outros artistas – Baby Consuelo, Freddy Mercury, Rod Stewart e um Ozzy Osbourne.

O chargista aproveitou o evento internacional para criar o valor cômico da ilustração. Nela, junto com os artistas que participaram do festival, Caruso se apropria do contexto extraicônico – o Rock in Rio – para criar o humor. Enquanto os artistas chegam para fazer suas apresentações musicais, Tancredo Neves chega para dar o seu show na política. Essa seria a esperança da nação para a recuperação do país.



Fonte: acervo *Folha de S.Paulo* – 15 de março de 1985

O desenho do cartunista Claudius mostra o presidente eleito Tancredo Neves segurando uma mala e abrindo a porta de um salão, que representa o novo apartamento do presidente. O local, no entanto, é recebido por ele com aspecto não desejado: há pratos quebrados, cadeiras caídas, garrafas, talheres, restos de comida e até sapatos espalhados pelo chão. A exposição da charge pode ser captada pela ideia de que “a farra acabou” e um pouco de realismo precisa ser posto em prática para reerguer um país atrasado por rixas políticas e decisões econômicas mal feitas.

O detalhe, que faz toda a diferença para o valor cômico da charge, é um longo papel deixado em cima da mesa cuja única palavra legível é “conta”. Sem o papel em cima da mesa, ainda seria possível perceber que a desorganização, a baderna, a farra e o descontrole podem ser entendidos como consequências dos governos militares deixadas ao novo presidente. Com o papel, a charge, porém, reforça a ironia: além de toda a bagunça que o regime militar deixou, há uma conta extensa e cara a ser paga.

Outro elemento apresentado pelo autor da peça são os corpos escuros saindo pela janela. Imagina-se que sejam representantes do governo anterior que saem quase expulsos pelo descontentamento geral da sociedade e sob a sensação de que naquele momento só haveria lugar para uma nova administração.

Considerações finais

O trabalho, que abrange um estudo maior, fruto de uma monografia apresentada como pré-requisito de conclusão de curso em Comunicação Social – Jornalismo, tentou mostrar de que modo as ilustrações de humor foram abordadas pelos jornais.

Nesse contexto, a atuação da imprensa foi essencial para entender o clima em que se instaurou o golpe militar e como os regimes se desenvolveram a partir de então. A produção de charges durante o período contribuiu para criticar ações do governo e gerar reflexão na sociedade.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a dificuldade de se produzir conteúdo opinativo durante a ditadura. A censura afetou diretamente a produção. Mas percebe-se que houve progresso em relação às críticas políticas.

A *Folha* afirmou ter apoiado o regime até a metade do período, mas ter sido um dos veículos mais críticos no segundo momento¹⁸. *O Globo* também admitiu o apoio ao regime em editorial divulgado no dia 31 de agosto de 2013. Ambos evitaram criticar intensamente o governo, embora a *Folha* tenha se tornado mais dura com o governo a partir de 1975 e *O Globo*, em 1985.

O cartunista Nelson Coletti, ao conceder entrevista para esta pesquisa, afirmou que a direção da *Folha* o orientava a não falar de temas que envolvessem o governo, apenas assuntos corriqueiros do cotidiano, justamente para evitar problemas para o jornal.

Dos diários observados, *O Globo* foi o que mais evoluiu. Em 1964, o diário não publicou charges sobre a política brasileira, apenas reproduziu ilustrações de jornais estrangeiros. No período analisado, observou-se o uso de desenhos de periódicos da Inglaterra, como *The Guardian* e *Daily Express*. O fato foi considerado incomum porque há alguns anos antes dessa data, em 1960, havia charges que satirizavam o então presidente Jânio Quadros.

Nas edições observadas em 1975, sequer era possível encontrar ilustrações políticas. Porém, em 1985, ano em que o país não estava mais em uma ditadura, e passou a veicular diversas ilustrações críticas, artísticas e que possibilitavam reflexão da vida política do momento.

¹⁸ A informação foi confirmada no editorial publicado no dia 30 de março de 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/158906-1964.shtml>. Acesso em: 23 jun 2014

Para entender por que nos dois primeiros anos analisados não houve publicação de charge, a diretoria de jornalismo d'*O Globo* foi procurada para dar esclarecimentos que pudessem aprimorar os resultados da pesquisa. Em resposta, o editor de opinião, Aluizio Maranhão, afirmou que, durante boa parte do período, o jornal se submeteu à autocensura, devido à dificuldade de dialogar com um regime que restringia a liberdade.

Outro motivo apontado foi o apoio da empresa aos governos militares. Embora Maranhão não estivesse na equipe à época – entrou em 2001 –, ainda afirmou que a razão pode ter se dado por decisão editorial, quando houve o fim formal da censura, no governo Geisel.

Em 1985, no entanto, com o processo de abertura política, o quadro se alterou completamente. As charges levaram o jornal a ter nova identidade porque, além de colaborar com mais uma forma de manifestar opinião crítica, também transmitia mais leveza, pois fazia o público rir da política do país. Os cartunistas Chico Caruso e Henfil passaram a trabalhar na equipe e as ilustrações se tornaram frequentes, quase diárias.

Como a *Folha de S.Paulo* ficou sem editorial no início dos anos 1970 e sem charges políticas, o momento em que as ilustrações voltaram, em 1975, as mudanças foram mais perceptíveis. As charges desse ano apresentaram críticas mais duras, falando abertamente, inclusive, sobre o AI-5. Nesse sentido, nota-se, aos poucos, a evolução da charge como elemento de resistência. As charges desse período apresentaram mudanças em relação as de 1964.

Quando, em 1980 a abertura política já era um fato, muitas ilustrações surgiram e, em algum nível, colaboraram para incitar a discussão na sociedade. Não havia charges no período de exceção da ditadura militar, mas, na redemocratização, diversos desenhos ajudaram a problematizar os acontecimentos.

Em circunstâncias de exceção, como no caso da ditadura militar, a liberdade é restringida e a análise também é dificultada. No entanto, o que se pode dizer é que, em um Estado restrito, a produção cultural, mesmo que afetada, ajuda a dar material para a reflexão e para a mudança.

Referências bibliográficas

ABRAMO, C. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

FONSECA, J. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Aletre: Artes e Ofícios, 1999.

FRANCO, B. M. **Coronel admite que torturou, matou e ocultou corpos na ditadura militar**. São Paulo. 25 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1430795-coronel-admite-que-torturou-matou-e-ocultou-corpos-na-ditadura-militar.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2014

GONÇALVES, M. A (Org). **Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada**. São Paulo: Publifolha, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

O GLOBO. **Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro**. Rio de Janeiro. 31 ago. 2014. Disponível em: <oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604#ixzz35TTjUTpB>. Acesso em: 25 mai. 2014

PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PILAGALLO, O. **Imprensa apoiou ditadura antes de ajudar a derrubá-la**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/157543-imprensa-apoiou-ditadura-antes-de-ajudar-a-derruba-la.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 5ª edição, 1999